

TEORIA ATOR-REDE SOB A LUZ DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO: ANÁLISE DA PÁGINA WEB DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UFPB

Edna Gomes Pinheiro (UFPB) - ednagomespi@yahoo.com.br

Marynice Medeiros Matos Autran (UFPB) - marynice.autran@gmail.com

Rosilene Agapito da Sliva Llarena (UFPB) - lenellarena@gmail.com

Gabriella Domingos de Oliveira (UFPB) - gabryellaholiveirah@gmail.com

Eliane Bezerra Paiva (UFPB) - paivaeb@gmail.com

Resumo:

Este artigo reflete a Teoria Ator-Rede (TAR) e a gestão da informação (GI) em inter-relações sobrepostas no âmbito da Ciência da Informação. Apresenta contribuições teórico-metodológicas e conceituais no âmbito da página web da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (SISTEMOTECA). A pesquisa tem como objetivos: a) tecer considerações sobre a GI e TAR interligando-as entre si; b) levantar ações de GI voltadas para a questão das redes, baseadas em autores de referência; c) relacionar ações de GI estabelecidas na página web da biblioteca central da UFPB; d) relacionar as ações de GI na citada página e de que forma elas podem interconectar-se com a TAR efetivando a missão, visão e objetivos do SISTEMOTECA da UFPB em sua página web; e) construir um desenho organizacional das citadas ações. Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva. Utiliza a análise de conteúdo como procedimento de análise dos dados. Os resultados da pesquisa apontam que a TAR pode se configurar como uma teoria da agência, uma teoria do conhecimento e uma das teorias das máquinas, unindo num mesmo propósito humanos e não-humanos; explora o caráter da organização como efeito ou consequência de uma interação e os efeitos sociais que envolvem estrutura da própria organização, denunciando, assim, o ponto de ligação entre a TAR e a GI.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede. Gestão da Informação. Páginas web. Bibliotecas Universitárias. Ciência da Informação

Área temática: Eixo 2 - Responsabilidade Política, Técnica e Social

Subárea temática: Arquitetura da informação (usabilidade, ergonomia, entre outros)

1 Introdução

Neste estudo procuramos refletir sobre as possíveis contribuições que a Gestão da informação (GI) voltada para a Teoria Ator-Rede (TAR) pode oferecer para as bibliotecas universitárias. Embora complexa, a relação entre a TAR e a GI, pode ser estabelecida de maneira que os entrelaçados teórico-conceituais e metodológicos emergem diante das reflexões que contribuem com seu *corpus e* que se fazem entrelaçados nas redes dos conceitos (ARAÚJO, 2014). A gestão em si é a grande responsável pela sua efetividade e, junto a TAR, pode permitir a disseminação do conhecimento científico de modo que os atores que compõem a biblioteca universitária (bibliotecários, usuários e tecnologias) se entrelacem para alcançar seus objetivos.

O fio condutor deste artigo é constituído pelas reflexões estabelecidas em um grupo de pesquisa por meio das discussões sobre a gestão da informação frente à utilização de tecnologias, especificamente a página *web* do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Paraíba (SISTEMOTECA). Se agregada à TAR, como aquela que entende que humanos e não-humanos, ou seja, homem e máquina se entrelaçam de maneira em que máquina e vida se confundem nessa relação (a exemplo dos ciborgues), para compor uma característica contemporânea que estabelece novas relações sociais na busca pela informação e pelo conhecimento (LATOURET, 2012), a GI pode adquirir novo significado quando percebe e estuda a informação em recursos tecnológicos surgidos junto à evolução histórica da humanidade.

Este fio condutor busca novos horizontes de pesquisa e delinea sua pertinência nos estudos relacionados às dinâmicas e artefatos informacionais no interior da Ciência da Informação, onde a GI e a TAR ocupam seu lugar no contexto epistemológico, com possibilidades multi ou até mesmo interdisciplinares.

Nesse contexto, este estudo preza-se por uma problemática central: **De que maneira a GI, relacionada à TAR, pode ser percebida no estudo da página *web* do SISTEMOTECA?**

Para responder à essa problemática, determinamos como objetivos desta investigação: a) tecer considerações sobre a GI e TAR interligando-as entre si; b) levantar ações de GI voltadas para a questão das redes, baseadas em autores de referência; c) relacionar ações de GI estabelecidas na página *web* da UFPB; d) relacionar quais as ações de GI na citada página e de que forma elas podem interconectar-se com a TAR efetivando a missão, visão e objetivos

do sistema de biblioteca da UFPB em sua página *web*; e) construir um desenho organizacional das citadas ações.

2 A TAR no âmbito da GI

Também conhecida como ‘sociologia da tradução’, a TAR caracteriza-se por um corpo teórico e empírico que trata das relações sociais, incluindo o poder e a organização, como efeitos de rede. Trata-se de uma abordagem das ciências sociais cuja essência está em descrever e explicar estruturas sociais, organizacionais, científicas e tecnológicas, processos e eventos, dos quais, independentemente de seus componentes (humanos e não-humanos) formam uma rede de relações heterogêneas que podem ser mapeadas e descritas, simultaneamente, entre coisas e conceitos (materiais e semióticas), numa mesma linguagem, analisados nas mesmas condições, estabelecendo uma única rede em busca de objetivos pertinentes às suas necessidades.

Para Latour (1994) a TAR se faz presente no entendimento do ‘eu’ social, do sujeito/indivíduo, ou o ator que compõe as redes estabelecidas socialmente, passando continuamente do local ao global, do humano ao não-humano, estabelecendo os nós da rede de práticas e de instrumentos, de documentos e traduções de linguagens adaptadas aos sistemas de uma organização ou instituição, para refletir a questão do sujeito/indivíduo e seu papel social. É na subjetividade humana, envolta pelas transformações culturais, que as interconexões são refletidas e o estabelecimento de novas relações e novas aprendizagens se configuram pela busca da informação e do conhecimento por meio de técnicas que evoluem com a história da humanidade.

A TAR utiliza-se de dois princípios: o da simetria generalizada e o da imparcialidade. O primeiro, visa justificar que a natureza e a sociedade devem ser descritas da mesma maneira, com os mesmos termos. Este princípio propõe manter sob o mesmo arcabouço de análise elementos humanos e não-humanos, natureza e cultura, crença ingênua e ciência, aquele que estuda e aquele que é estudado, teoria e prática, coisa e representação, interioridade e exterioridade, ciências da natureza e ciências humanas, entre outras, evitando falsas dicotomias e visões compartimentalizadas da realidade (DOSSE, 2003). O segundo, visa explicar o sucesso e o insucesso, assim como o verdadeiro e o falso na mesma proporcionalidade. A utilização desses dois princípios permearão os resultados dessa pesquisa junto às ações de GI na análise que nos propomos.

Na Ciência da Informação (CI), a TAR busca entender os fenômenos da realidade na perspectiva das redes, cujas interações humanas e não-humanas também estabelecem

processos de traduções e interpretações. O fato da CI ter nascido no período moderno, em meio ao crescimento exponencial de informação científica e técnica, possibilita refletir com maior propriedade como ela e as ciências sociais estabelecem uma nova relação para a questão do conhecimento: o envolvimento entre o sujeito e o objeto, de forma que o objeto torna-se uma extensão do sujeito e vice-versa, viabilizando a relação entre a TAR e a CI (ARAÚJO, 2014).

A GI assume o conceito de estudo dos processos informacionais, do modo como a informação pode ser organizada, armazenada, recuperada e utilizada para a tomada de decisões e para a construção do conhecimento (DUARTE, 2011). Caracteriza-se por um conjunto de estratégias que visa identificar as necessidades informacionais, mapear os fluxos formais de informação nos diferentes ambientes da organização, assim como sua coleta, filtragem, análise, organização, armazenagem e disseminação, objetivando apoiar o desenvolvimento das atividades cotidianas e a tomada de decisão no ambiente corporativo (VALENTIM, 2004).

3 A GI no âmbito das Bibliotecas Universitárias

A Sociedade do Conhecimento modificou as formas de produção de bens e serviços. O trabalho intelectual e as competências das pessoas são; o capital humano torna-se essencial, pois o ser humano é o único elemento capaz de assimilar informação, desenvolver-se e compartilhar ideias e experiências. As organizações foram impelidas a investir no capital humano, ao reconhecerem que o conhecimento é um recurso vital para a sua sobrevivência.

Nessa nova configuração, as bibliotecas universitárias "são consideradas estratégicas, pois contribuem para aumentar a capacidade das nações de gerar conhecimento e convertê-lo em vantagens competitivas, o que representa riqueza e crescimento" (DIB; SILVA, 2006, p.21), podendo, assim, serem consideradas um dos pilares da vida acadêmica, uma vez que têm a função de apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade fornecendo recursos informacionais seletivos, diversificados e organizados (SILVEIRA, 2009). Desempenham papel preponderante no desenvolvimento da sociedade, ao atuarem como mediadoras no processo de geração e produção do conhecimento acadêmica (PAIVA, 2002). Ademais, representam um fenômeno social e são caracterizadas como organismos dentro de um organismo maior, tornando-se, ao mesmo tempo, beneficiárias e vítimas da infraestrutura das instituições em que estão inseridas (MIRANDA, 1980).

O modelo usual das bibliotecas universitárias é o de "não possuir estratégias próprias e agir em função das demandas, muitas vezes desorganizadas, provenientes de diversos grupos

existentes dentro da universidade" (HEEMAN; COSTA; MATIAS, 2000 *apud* DIB; SILVA, 2006, p.21), mas, sim, fortalecer sua imagem, renovando-se, adotando práticas gerenciais modernas e monitorando o ambiente em que está inserida (DIB; SILVA, 2006).

Aliar às práticas cotidianas da biblioteca universitária a gestão da informação, que é um processo que se configura como "um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como as empresas identificam as necessidades informacionais, obtém, distribuem e usam a informação" (DAVENPORT, 2002, p.50).

Uma robusta proposição desta pesquisa é que a GI torna-se parte integrante da TAR, no que concerne às suas ações de gestão estratégica e gestão de tecnologia da informação (TI). Sobre a gestão estratégica, as ações explicitadas por Amorim e Tomaél (2011) estabelecem: o desenvolvimento de projetos de responsabilidade social referente aos serviços oferecidos à comunidade acadêmica e a toda a sociedade; a gestão de relacionamentos com o público; a avaliação da utilização dos serviços oferecidos etc. Quanto à gestão de TI, a GI se efetiva quando: estabelece portais corporativos com tecnologia livre; gestão eletrônica de documentos, disponibilização dos conteúdos na Internet; sistemas de busca e acessibilidade e compartilhamento e uso das informações.

Essa reflexão pressupõe que a TAR estabelece conexão com GI à medida que as redes estabelecidas são responsáveis por construir conhecimentos que devem ser utilizados de maneira apropriada. Para tanto, o contexto onde ela se dá, neste caso, o ambiente *web*, precisa ser gerenciado na medida em que fluxos, circulações, alianças, tensões, movimentos, são constituídos através de seres animados e inanimados, conectados e agenciados, se materializando na informação.

Para Ramalho (2006), uma página da *web* é utilizada pelas organizações para comunicar, ligar, trocar, intercambiar ideias, pensamentos, conhecimentos, informações ou teorias de maneira atraente aos usuários. Nas organizações públicas, torna-se grande aliada à gerências de recursos de informação (GRI), caracterizando-se como parte integrante no processo de efetividade dos seus objetivos.

3.1 Arquitetura da informação e usabilidade

Segundo Agner (2012), a arquitetura da informação se propõe a identificar as necessidades de informação dos usuários e representar essas necessidades durante a elaboração do *design* e desenvolvimento do projeto. Isto significa a organização da informação de um *website* em rótulos, agrupamentos, hierarquia, menus de navegação, ou seja, a estrutura do conteúdo do website, o sistema de busca e navegação etc.

A usabilidade, por sua vez, corresponde à capacidade de um produto ser “[...] usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação em um contexto específico de uso” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p.3). A norma ISO 9241 refere-se à usabilidade e foi publicada pela *International Organization for Standardization* (ISO) em 1998. Conforme a referida norma, são características de qualidade de *software*: funcionalidade, confiabilidade, eficiência, portabilidade e possibilidade de manutenção (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002).

É no cenário da arquitetura da informação e usabilidade, aliadas a GI e à TAR que pretendemos analisar o *website* do SISTEMOTECA da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A UFPB lançou sua primeira *Home Page* no ano de 1996. Inicialmente, conhecida como *site* da UFPB, exibia apenas informações institucionais, porém sem nenhuma menção ao Sistema de Bibliotecas (SISTEMOTECA). Em 2000, o *website* da UFPB, passou a exibir novo formato, dispondo novos *links*, entre eles, o da biblioteca central. Os usuários eram conduzidos a um Localizador Padrão de Recursos (URL)¹ que exibia informações sobre o SISTEMOTECA, contudo não permitia nenhuma interação com o usuário. No ano de 2002, foi adicionado um *link* ao Portal de Periódicos da CAPES. Em 2003, com novos *layout* e *links*, os usuários passaram a ter acesso ao acervo do SISTEMOTECA.

Em 2005 a página foi substituída, passando a ter nova URL² e no mesmo ano ocorreu nova mudança para a URL³, a qual se mantém até os dias atuais. A página disponibiliza acesso às coleções de livros, dissertações, teses, periódicos, multimeios, portais de periódicos digitais e bases de dados de *e-books*. De acordo com as informações colhidas no próprio *site*, a inscrição nas Bibliotecas do Sistema deve ser feita diretamente pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA)⁴ da UFPB.

3 Materiais e métodos

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, exploratória e descritiva. Para a análise da página *web* da biblioteca central da UFPB utilizamos os critérios da usabilidade na perspectiva da GI e da TAR.

¹ <http://www.sistemoteca.ufpb.br>,

² <http://www.ibiblioteca.ufpb.br/>

³ <http://www.biblioteca.ufpb.br/>

⁴ <https://sistemas.ufpb.br/sigaa/verTelaLogin.do>

Para responder à questão da investigação e cumprir com os objetivos propostos, adotamos a análise de conteúdo de Bardin (2004) como procedimento de análise dos dados.

Ao analisarmos a referida página, por meio de observação direta, procuramos concentrar as percepções em três categorias:

- ✓ **CATEGORIA 1** – Ações de GI baseadas em autores de referência.

A escolha de tais autores, cujas ações são descritas no Quadro 1, justifica-se em razão de serem os mais citados na literatura sobre GI.

Quadro 1: Ações de GI propostas pelos autores de referência.

Modelo proposto por Choo (2003) etapas:	Modelo proposto por Davenport (2002) etapas:	Modelo proposto por McGee e Prusak (1994) etapas:
Identificação das necessidades de informação	Determinação de exigências de informação	Identificação de necessidades e requisitos de informação
Aquisição de informação	Obtenção de informação	Aquisição e coleta de informação
Organização e armazenamento da informação	Distribuição da informação	Classificação, armazenamento, tratamento e apresentação da informação
Desenvolvimento de produtos informacionais e serviços	Utilização da informação	Desenvolvimento de produtos e serviços de informação
Distribuição da informação		Distribuição e disseminação da informação
Uso da informação		Análise e uso da informação

Fonte: Baseado em Souza; Duarte, 2011.

- ✓ **CATEGORIA 2** – Descrição das ações de GC baseadas na estrutura da página. Para tanto elencamos duas subcategorias:
 - a) **Arquitetura da informação, distribuição das informações disponíveis e facilidade de uso e originalidade** – Trata-se da distribuição e organização das informações da maneira como são consideradas pela organização, de modo a garantir a eficácia de seu gerenciamento. Além disso, trata, ainda, do estabelecimento de dispositivos que objetivam motivar o usuário a buscar as informações necessárias, superando as barreiras de acesso ou a busca de outras páginas para conseguir as informações necessárias.
 - b) **Interatividade e redes de comunicação** – Trata-se dos *links* estabelecidos com outras redes de contatos que possibilitam informações adicionais além daquelas oferecidas pelas organizações em foco.
- ✓ **CATEGORIA 3** – Ações de GI interconectadas com os objetivos da TAR. Para alcançar essa categoria elencamos as atividades de GI que estabelecem relações de essencialidade com as tecnologias da informação e comunicação (TIC), nomeadamente: o computador, a Internet e as redes colaborativas.

4 Resultados finais

Na análise da referida página pudemos perceber resultados que se coadunam com as atividades sugeridas pelos autores de referência:

CATEGORIA 1:

Quadro 2: Ações de GI comuns entre os autores de referência

Modelo proposto por Choo (2003)	Modelo proposto por Davenport (2002)	Modelo proposto por McGee; Prusak (1994)	Ações de GI percebidas na análise do site estudado
Identificação das necessidades de informação	Determinação de exigências de informação	Identificação de necessidades e requisitos de informação	Ícone de busca; disponibilidade de números de telefones, agenda e contatos; disponibilidade de acesso à canais de conteúdo, canais de atendimento, acesso à informação, serviços, participação e legislação pertinentes; <i>links</i> com as redes sociais (<i>facebook, twitter, youtube</i>); serviços de informações.
Aquisição de informação e uso da informação	Obtenção de informação	Aquisição e coleta de informação	Ações de conexão com as bibliotecas setoriais, com as instituições de fomento e com os professores de departamentos da UFPB por meio de solicitação de serviços e aquisição de informações.
Organização e armazenamento da informação	_____	Classificação, armazenamento, tratamento e apresentação da informação	Criação e alimentação de bases de dados da instituição; editor de serviços.
Desenvolvimento de produtos informacionais e serviços	_____	Desenvolvimento de produtos e serviços de informação	A ênfase do site está nos seguintes serviços informacionais: doação de livros, elaboração de ficha catalográfica, empréstimo de materiais, portais de pesquisa e bases de dados, visitas dirigidas, seção de periódicos, orientação à utilização das NBRs, BDTD – orientações para publicação, agendamento do auditório.
Distribuição da informação	Distribuição da informação	Distribuição e disseminação da informação	Site oficial da biblioteca central, canais através das redes sociais na internet.
_____	Utilização da informação	Análise e uso da informação	No site, não há informações sobre a utilização e análise da informação, como processo avaliativo, nem no que refere aos usuários, como aos funcionários da biblioteca e também pelo próprio sistema. A inferência fica por conta dos <i>clicks</i> e acesso ao <i>site</i> .

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

CATEGORIA 2:

- c) **Arquitetura da informação, distribuição das informações disponíveis, facilidade de uso e originalidade** - Os ícones informativos do *site* são organizados de maneira simples. As informações estão bem distribuídas e de fácil acesso. Os dispositivos apresentam poucas cores, ícones e movimentos. Torna-se necessário despertar no usuário a motivação pela busca das informações, superando as barreiras de acesso ou a procura de outras

páginas para conseguir as informações. Consideramos que o *site* apresenta uma arquitetura simplificada e de fácil acesso.

- d) **Interatividade e redes de comunicação** – O *site* disponibiliza *links* de compartilhamento de informações remetendo os usuários aos seguintes *sites*: Minha Biblioteca, Cengage Learning, Target GEDWeb, Ebrary, SciFinger, BMJ Learning, Slavery & Anti-Slavery, Periódicos, BDTD/UFPB, Biblioteca UFPB Digital, UpToDate, Portal de Periódicos Científicos Eletrônicos da UFPB, Portal Domínio Público, Portal de serviços do Governo Federal e a interconexão com o SIGAA/UFPB.

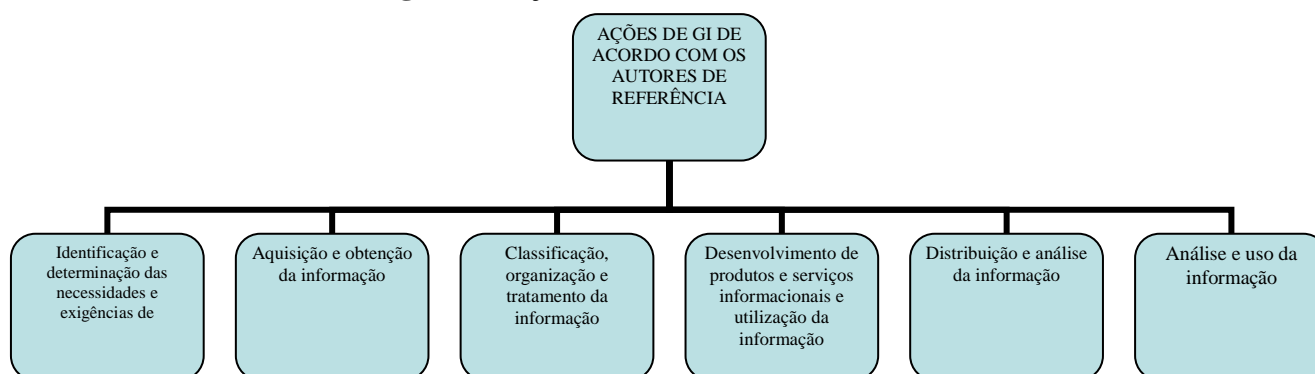
CATEGORIA 3:

Ações de inter-relação entre GI e TAR observadas:

1. A primeira refere-se aos serviços prestados pela biblioteca pelo SIGAA/UFPB. Os usuários podem acessar diretamente o *site*, ou realizar as buscas pelo próprio sistema. Permite o acesso remoto ao acervo, às bases e a outros serviços.
2. Acesso fácil e rápido ao *site* de Atuação Governamental canais de conteúdo e de acesso à informação.
3. *Links* interativos com as redes sociais: *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, onde as informações circulam de maneira interativa e motivadora para utilização da informação no contexto atual, em que a informação assume forma e movimentos diferenciados.

A partir dessas observações, apresentamos o desenho organizacional das ações identificadas, seguidas das sugestões para a consecução das ações de GI interligada à TAR, não apenas na construção do *site* da Biblioteca Central da UFPB, mas para a execução das ações de gerenciamento da biblioteca (Figura 1).

Figura 1: Ações de GI de comuns aos autores de referência

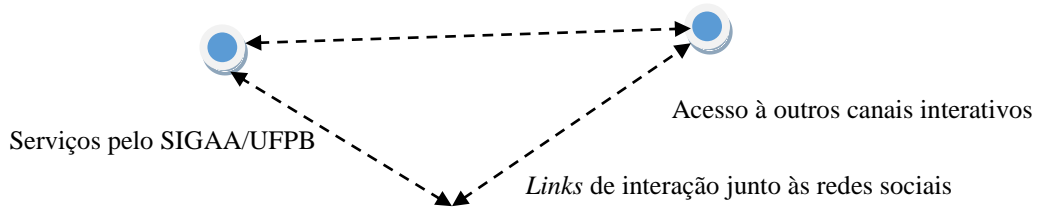


Fonte: elaborado pelos autores, 2016.

Dentro das ações gerais, são caracterizadas as ações específicas do *site*, citadas no Quadro 2. Algumas estão interconectadas de maneira a confundir elementos humanos e não-humanos para a efetividade das ações. Dessa forma, as ações de interconexão se apresentam

da seguinte forma:

Figura 2: Ações de interconexão entre GI e TAR

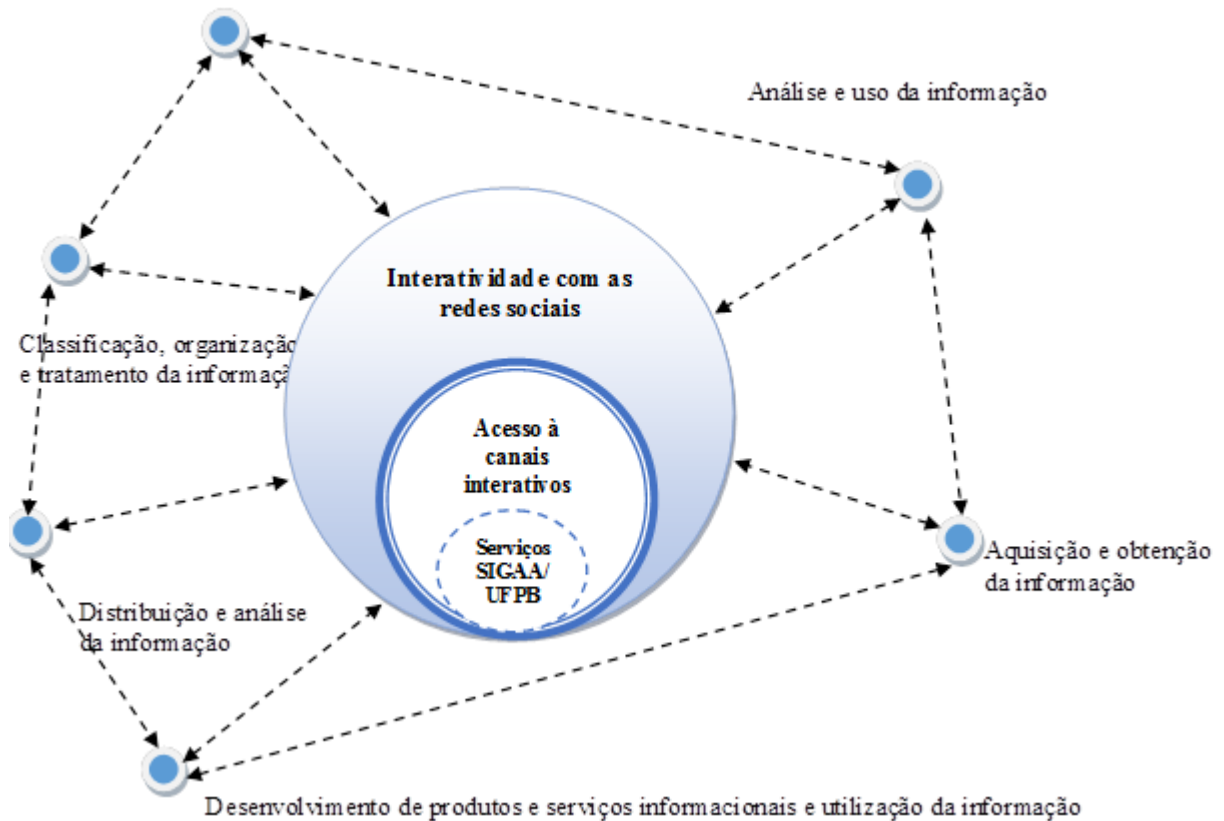


Fonte: elaborado pelos autores, 2016.

Considerando que as ações de GI de um *web site* devem ser arquitetadas de maneira a atender às necessidades dos usuários contemporâneos - seres interativos com máquina de modo a caracterizar-se influenciado por ela – a TAR deve se fazer presente na construção, utilização e disseminação das informações disponibilizadas pela biblioteca, em uma de suas ferramentas principais: a tecnologia. Sendo assim, sugerimos a seguinte integração (Figura 2).

Figura 2: Integração entre GI e TAR na Home Page da Biblioteca Central da UFPB

Identificação e determinação das necessidades e exigências de informação



Fonte: elaborado pelos autores

5 Considerações finais

Sobre a TAR percebemos que sua relação pode ser estabelecida com a GI nos meandros da corrente teórica da CI apresentando contribuições teórico-metodológicas e conceituais no âmbito da página *web* da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (SISTEMOTECA).

Consideramos que os objetivos da pesquisa foram alcançados interpostos nas três categorias de análise e na apresentação de um desenho organizacional que descreve a inter-relação entre as ações de GI e a TAR no âmbito da *Home Page* da Sistemoteca da UFPB.

Os resultados da pesquisa apontam que a TAR pode se configurar como uma teoria da agência, uma teoria do conhecimento e uma das teorias das máquinas, unindo num mesmo propósito humanos e não-humanos; explora o caráter da organização como efeito ou consequência de uma interação e os efeitos sociais que envolvem estrutura da própria organização. Aqui, a nosso ver, está o ponto de ligação entre a TAR e a GI.

Essa relação pode desmitificar toda uma cultura organizacional e cultura informacional sendo necessária sua aplicabilidade aos processos de gerência de organizações, portanto, na gerência do *site* da Biblioteca Central. Dessas reflexões acreditamos que conseguimos conjecturar, mesmo que timidamente as contribuições que a TAR tem oferecido à GI.

6 Referências

AGNER, L. Ergodesign e arquitetura de informação: trabalhando com o usuário. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

AMORIM, F. B.; TOMAÉL, M. I. Gestão da informação e gestão do conhecimento na prática organizacional: análise de estudos de caso. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.8, n.2, p.1-22, jan./jun/ 2011.

ARAÚJO, C. A. Á. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v.4, n.1, p.57-79, jan./jun. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

CHOO, C.W. **Organização do conhecimento**. São Paulo: SENAC, 2003.

DAVENPORT, T.H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2002.

DIB, S. F.; SILVA, N. C. Unidade de negócio em informação - UNINF: o futuro das bibliotecas universitárias na sociedade do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da**

Informação, Belo Horizonte, v.11, n. 1, p. 20-31, jan./abr. 2006.

DOSSE, F. **O império do sentido**: a humanização das ciências humanas. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DUARTE, E. N. Conexões temáticas em gestão da informação e do conhecimento no campo da ciência da informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 159-173, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/1hdyjsR>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução a Teoria do Ator-Rede. Salvador – Bauru: EDUFBA – EDUSC, 2012. 400 p.

MIRANDA, A. **Estruturas de informação e análise conjuntural**: ensaios. Brasília, D.F.: Thesaurus, 1980.

PAIVA, E. B. **Entre as normas e os desejos**: a indexação de periódicos na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. 2002. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, Curso de Mestrado em Ciência da Informação, João Pessoa.

RAMALHO, R.A.S. **Web Semântica**: aspectos interdisciplinares da gestão de recursos informacionais no âmbito da Ciência da Informação. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP). Marília, 2006.

SILVEIRA, J. G. Gestão de recursos humanos em bibliotecas universitárias: reflexões. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v.38, n. 2, p.126-141, maio/ago. 2009.

SOUZA, I.G.C.O.; DUARTE, E.N. Dimensões de um modelo de gestão da informação no campo da ciência da informação: uma revelação da produção científica do ENANCIB. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, mar. 2011, p.152-169. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>.

VALENTIM, M. **Gestão da informação e Gestão do conhecimento**: especificidades e convergências. 2004. Disponível em: www.ofaj.com.br. Acesso em: 20 abr. 2016.